"Escuridade brilhando em claridade que a claridade não podia abarcar": uma análise histórica do *Quinteto Islâmico* de Tariq Ali

"Darkness shining in brightness which brightness could not comprehend": an historical analysis of Tariq Ali's *Islamic Quintet*

Elaine Cristina Senko[1]
Doutoranda em História
Universidade Federal do Paraná

Resumo

Seguindo o ponto de vista da crítica historiográfica, o presente artigo contempla várias reflexões acerca dos livros que compõem o chamado *Quinteto Islâmico*, uma série de cinco obras escritas entre 1992 e 2010, do gênero romance-histórico, que, em nosso entendimento, revelam muito do pensamento do autor, Tariq Ali (1943-), em relação à geopolítica do atual Oriente Médio.

Palavras-chave: Tariq Ali; Quinteto Islâmico; Literatura; História.

Abstract

Following the viewpoint of the historiographical analysis, this article includes some reflections on the books that compose the so-called Islamic Quintet, a series of five works written between 1992 and 2010, belonging to the historical-romance genre, which, in our view, reveal much of the thinking of the author, Tariq Ali (1943-), in relation to the current geopolitics of the Middle East.

Keywords: Tariq Ali; Islamic Quintet; Literature, History.

- **Enviado em: 06/05/2013**
- **Aprovado em: 26/05/2013**

[1] Doutoranda em História pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná. Sob orientação da Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães. Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos.

Eles iam, obscuros, através da noite solitária,
através da sombra e através das moradas vazias
e do vão reino de Dite: tal é o caminho nos bosques,
quando a lua é incerta, sob uma luz maligna,
quando Júpiter mergulhou o céu na sombra e
a sombria noite arrebatou às coisas sua cor.
Eneida, Virgílio

A leitura dos cincos livros que compõem o *Quinteto Islâmico*, do escritor e poeta paquistanês Tariq Ali (1943 -), apresenta-se como uma experiência literária de caráter singular, pois imerge o leitor numa fascinante e multifacetada jornada por diferentes tempos e lugares da história, levando-o da Granada do século XV até a Londres do século XXI. As obras pertencentes a essa coleção, a saber, *Sombras da romãzeira*[2] (1992), *O livro de Saladino* (1998), *Mulher de pedra* (2000), *Um sultão em Palermo* (2005) e *A noite da Borboleta Dourada* (2010) pertencem ao gênero romance histórico contemporâneo, uma forma de escrita que se faz cada vez mais perceber nos lançamentos editoriais contemporâneos. No entanto, a questão que colocamos como pauta de discussão no presente artigo diz respeito ao fato de que tais obras não podem simplesmente ser consideradas uma literatura de entretenimento ou uma escrita descompromissada com a realidade atual, pelo contrário: são também e justamente espaços encontrados pelo autor para desenvolver e compartilhar reflexões críticas em relação ao seu próprio presente, em relação àquilo que o toca e aparentemente o tem provocado nos últimos tempos. Ou seja, o autor se apoia na criação literária, de inspiração histórica, para apresentar determinados pensamentos, reflexões; dentre tais encontramos, principalmente, uma forte percepção de valorização do Oriente, de sua cultura. De fato, Tariq Ali atua no sentido de desmistificar a imagem de um Oriente exótico e quase inacessível promovida pelo discurso orientalista do século XIX, ainda de grande influência no Ocidente. Reafirmando que o Oriente encontra-se dentro do Ocidente, Tariq Ali procura se desvencilhar de fugazes dicotomias, contemplando a multiplicidade e dinâmica cultural das sociedades[3]. Essa também

[2] Trabalho que ganhou o prêmio Arcebispo San Clemente do Instituto Rosalia de Castro (1994). Para um maior conhecimento sobre o pensamento do autor, indicamos: Entrevista de Tariq Ali. *(Programa da TV Cultura - Roda Viva).* 15/08/2006 (01:17:22); suas críticas sobre a chamada "Primavera Árabe" na revista *New Left Review* e o seu próprio site na internet: www.tariqali.org

[3] Nesse sentido de ir além do óbvio aos nossos olhos lembremos a seguinte citação de José Saramago em seu *Ensaio sobre a cegueira:* "Ninguém fez perguntas, o médico só disse, Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma, A alma, perguntou o velho da venda preta, Ou o espírito, o nome pouco importa, foi então que, surpreendentemente, se tivermos em conta que se trata de pessoa que não passou por estudos adiantados, a rapariga dos óculos escuros disse,

foi a preocupação de Edward Said em sua vida e é ainda de Noam Chomsky e de Marjane Satrapi[4]. Por isso, é nessa vertente de compreensão das obras que compõem o *Quinteto Islâmico* que nós, historiadores, também nos colocamos, juntamente aos críticos literários, como debatedores do trabalho realizado por Tariq Ali, buscando novos conhecimentos acerca deste grande intelectual de nosso tempo.

Iniciemos nossa reflexão pela obra *Sombras da romãzeira*, ponto inicial do quinteto. Devemos sinalizar que Tariq Ali em suas cinco narrativas irá colocar elementos históricos mesclados com sua literatura[5]. A trama desta narrativa se desenvolve na Península Ibérica, nos anos imediatamente posteriores à conquista de Granada, esta perpetrada em 1492, pelos reis castelhanos Isabel e Fernando. No foco temos a família dos Ibn Hudayl, que passa a sofrer as diversas consequências da mudança para um poder político cristão na região. Ao longo do romance acompanhamos de modo mais intenso as percepções e sentimentos do pequeno Yazid, o filho mais jovem de Umar e Zubayda. Neste cenário também visualizamos as ações de outro filho deste casal, o intrépito Zuhayr, o qual lidera uma oposição à opressão cristã em relação aos andaluzes. Essa coragem de Zuhayr transparece na carta que ele envia ao pai sobre as condições de enfrentamento perante a posição de Jiménez de Cisneros (1436-1517), o qual era o representante do cristianismo na cidade de Granada. Vejamos a carta escrita por Zuhayr:

> Aquella misma mañana, Zuhayr había comenzado a escribir una carta a Umar, relatándole sus aventuras en el viaje a Gharnata, describiendo el penoso dilema al que tenía tenido que enfrentarse y explicando su decisión final de participar en una acción apoyada por todos, aunque él no estuviera de acuerdo:
>
> *Le tenderemos una trampa a Cisneros, pero sé muy bien que, incluso si logramos asesinarlo, todos y cada uno de nosotros caeremos también en ella. Todo es muy distinto a lo que yo imaginaba. La situación de los gharnatinos ha empeorado mucho desde tu última visita y entre ellos la ira convive con la desmoralización. Están decididos a convertirnos a todos y Cisneros ha autorizado el uso de la fuerza para facilitar el proceso. Como es natural, mucha gente teme al dolor y se somete, pero luego se vuelven locos. Después de convertirse, se desesperan, entran en las iglesias y defecan en el altar, orinan en la pila de agua bendita, manchan los crucifijos con substancias impuras y se marchan corriendo y riendo como seres que han perdido la cabeza. Cisneros reacciona con furia y el ciclo*

Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos". SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.262.

4 Análises nesse sentido estão presentes em: SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.* Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; Entrevista de Noam Chomsky. *(Programa da TV Cultura Roda Viva).* 1996. (90:25); SATRAPI, Marjane. *Persépolis.* Tradução de Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

5 Na sua elaboração literária Tariq Ali, que também é historiador, faz uma pesquisa dos elementos históricos de que precisa para fazer nascer sua narrativa. Sobre as relações entre História e Literatura, indicamos: GUIMARÃES, Marcella Lopes. História e Literatura: um debate desde Aristóteles. *Capítulos de História:* o trabalho com fontes. Curitiba: Aymará Educação, 2012, p. 109-139.

> *entero vuelve a repetirse. Aquí se tiene la sensación de que mientras Cisneros viva, las cosas sólo pueden cambiar para peor. No creo que su muerte mejore las cosas, pero sin ninguna duda, aliviará la angustia de muchos de nuestros hermanos. Es probable que no sobreviva a este día, así que me despido con besos para todos, y en especial para Yazid, a quien espero que no permitáis repetir los errores de su hermano...*[6]

Essa tensão entre os submetidos islâmicos ao reino de Castela segue na narrativa e seguimos os passos de Zuhayr e a preocupação do pai Umar Ibn Hudayl. O desfecho que Tariq Ali apresenta para esta narrativa surge de modo angustiante e dramático, com a morte do jovem Yazid e a fragmentação de sua família[7]. Um dos momentos mais sensíveis dessa narrativa é o retorno de Zuhayr para salvar os seus:

> Quince minutos después llegó a la cueva de al-Zindiq. Zuhayr esperaba que el anciano estuviera allí para disipar sus temores, rezaba para que así fuera. Los manuscritos de al-Zindiq estaban atados en ordenadas pilas, como si el anciano se hubiera preparado para marcharse para siempre. Zuhayr descansó unos segundos y dio de beber al caballo. Luego siguió cabalgando. Al girar en el espolón de una colina, tiró de las riendas y miró hacia arriba, en la dirección acostumbrada. La pálida luz del alba brillaba sobre los restos calcinados de la casa. Zuhayr cabalgó hacia su antiguo hogar sumido en una especie de trance hipnótico. Había sucedido lo peor. Al ver las ruinas desde la distancia, su primera reacción fue pensar en la venganza:
>
> (Zuhayr) - Los perseguiré y los mataré uno a uno. Juro ante Alá, sobre la cabeza de mi hermano, que vengaré este crimen.
>
> Cuando entraba en el patio vio la cabeza de su padre en la punta de una lanza que estaba firmemente clavada en el suelo. Zuhayr saltó del caballo, arrancó la lanza y contempló la cara de su padre con cariño. Llevó la cabeza al arroyo y le lavó la sangre de la cara y del pelo. Luego la transportó al cementerio familiar y comenzó a cavar la tierra con las manos. En su locura, no reparó en que a pocos metros de allí había una pala. Después de enterrar a su padre, volvió al patio, y esta vez vio al Enano balanceándose suavemente con Yazid en los brazos. El corazón le dio un vuelco en el pecho. Era posible que Yazid estuviera vivo, a pesar de todo? Entonces vio la cara serena de su hermano, manchada de sangre en los costados[8].

Os responsáveis por tal ato de crueldade e violência, em grande parte cristãos que buscavam espólios de guerra, são colocados pelo autor como os possíveis executores de práticas similares no Novo Mundo, mais especificamente em Tenochtitlán. Pois bem, este paralelo final revela importantes traços de pensamento do autor em relação não apenas

---

6 ALI, Tariq. *A la sombra del granado.* Traducción de María Eugenia Ciocchini. Madrid: Alianza Editorial, ed. 2011, p. 276-277.

7 Destaque para o personagem erudito também criado por Tariq Ali, o bisneto de Ibn Khaldun, Ibn Daud (mesmo sabendo da tragédia da família Khaldun em seu naufrágio perto do Cairo). Este se casou com a filha de Umar, Hind e foram embora para Fez, evitando as tragédias que se seguiram no seio da família.

8 ALI, Tariq. *A la sombra del granado.* Traducción de María Eugenia Ciocchini. Madrid: Alianza Editorial, ed. 2011, p. 348-349.

àquele momento histórico, mas a uma questão fundamental à própria humanidade, acreditamos: a necessidade de uma relação entre as culturas que não acabe gerando formas de violência extremas, que flagelem inocentes. Toda a plasticidade da escrita, aliada ao desenvolvimento psicológico das personalidades, acaba por aproximar o leitor dos fatos e personagens da narrativa, mas principalmente do pequeno Yazid, que se torna uma vítima indefesa da violência acirrada por cristãos e muçulmanos na época. Veremos, inclusive, que tal forma de posicionamento crítico será uma constante nos demais livros do quinteto.

Obra seguinte, *O Livro de Saladino* apresenta-se na forma de uma narrativa pessoal escrita por um sábio judeu, Ibn Yakub, personagem fictício. Este, por recomendação do filósofo Maimônides (1135-1204)[9], acabara de ser indicado para a importante função de escriba do sultão Saladino (1138-1193) durante a *Segunda* e *Terceira Cruzada* – respectivamente (1147-1149) e (1189-1192). Ao longo da narrativa Ibn Yakub acompanha as diversas conquistas de Saladino, inclusive a importante batalha de Hattin (1187) e a conseqüente entrada em Jerusalém. Vamos observar como Tariq Ali descreve literariamente através de Ibn Yakub a entrada de Saladino em Jerusalém:

> Entramos en la Ciudad Santa por la Bab al-Daud. El sultán no necesitó a Shadhi para que le dijera que mantuviera la cabeza alta. Cabalgó directamente a la mezquita, que despedía el olor sofocante de los francos y sus animales. Allí tenían sus establos los hospitalarios y los templarios. Salah al-Din rehusó esperar a que el sagrado recinto estuviera limpio. Descabalgó de su montura y, rodeado de sus emires, elevó una plegaria de acción de gracias a Alá. Después empezarón a limpiar la mezquita. Recorrimos las calles y el sultán se conmovió ante la patética visión de los cristianos elevando al cielo sus lamentos y sollozos. Las mujeres se mesaban los cabellos, los viejos besaban los muros, los niños asustados se agarraban a sus madres y a sus abuelas. El sultán detuvo su caballo y envió un mensajero a buscar al caballero franco Balián. Mientras esperábamos, Salah al-Din miró hacia arriba y sonrió. Estaban izando su estandarte en la ciudadela, y los cánticos de júbilo y los vítores de nuestros soldados ahogaron momentáneamente el alboroto de los cristianos. Pensé de nuevo en Shadhi y en Salah al-Din. El sultán se volvió hacia mí con una lágrima en sus ojos[10].

O ambiente criado pelo autor e no qual circulam os personagens de sua obra aponta para uma forte e constante dinâmica de relações interculturais: muçulmanos, judeus, cristãos, cátaros, coptas... enfim, homens e mulheres de crenças e comportamentos diferentes que se

---

9 Sobre o tema literário dos sábios judeus que acompanhavam Saladino, indicamos a obra: LESSING, G. E. *Nathan El Sabio.* Traducción Emilio J. González García. Madrid: Akal, 2009. Destaque na peça para a *Quinta Cena* do *Terceiro Ato* em que é reproduzida a estorieta já contada por Boccaccio no seu *Decamerão*: Salah al-Din convida seu sábio judeu a lhe responder quais das três religiões monoteístas é a mais verdadeira. O sábio judeu através de uma fábula dos anéis conta ao sultão que o judaísmo, o cristianismo e o islamismo são como irmãos para o mesmo Pai.

10 ALI, Tariq. *El libro de Saladino.* Traducción Ana Herrera. Madrid: Alianza Editorial, ed. 2011, p.425-426.

relacionam no dia a dia dos afazeres comerciais, religiosos e políticos. Nesse sentido, Tariq Ali subentende uma necessidade de compreensão do período que não esteja centrada apenas na questão do embate entre diferentes grupos religiosos, mas também no entendimento de suas relações cotidianas, a maioria delas de ordem pacífica e rotineira. Historiador, Tariq Ali também abre espaço em seu texto para refletir acerca desta profissão, colocando na fala de seus personagens percepções teóricas acerca de como pensar e escrever a história. Um interessante momento que reflete essa ação ocorre quando o também sábio judeu, Ibrahim, deixa o seguinte recado para Ibn Yakub pouco antes de sua morte: "El servicio a los grandes reyes lleva consigo algunas recompensas, pero el servicio a la verdad no tiene recompensa alguna y por esa misma razón vale muchísimo más"[11]. Trata-se de uma ressalva a tão importante premissa da verdade, a qual fundamentou o surgimento da própria historiografia.

Terceiro livro da coleção, a *Mulher de Pedra* apresenta em sua trama os acontecimentos relacionados à família, de fortes raízes tradicionais, comandada por Iskander Bajá. O contexto em que a narrativa se desenvolve é aquele da iminente desestruturação do Império Otomano, entre o final do século XIX e início do XX, um momento difícil e que repercute de modo muito intenso em toda a família, especialmente na personagem Nilofer[12]. Os diferentes dramas que o cotidiano traz são "desabafados" por cada um dos familiares perante uma estátua de imagem pagã, localizada no pátio da residência no litoral, que atentamente "ouve" os segredos mais profundos de cada personagem. De fato, o sentimento que a obra apresenta no pensamento e nas ações dos personagens revela a angústia de cada um deles em relação à iminente derrocada política do poder otomano, um drama que para eles apenas realça a imagem do passado glorioso já vivido e que dificilmente retornaria[13]. Tariq Ali novamente centra sua

---

11 ALI, Tariq. *El libro de Saladino.* Traducción Ana Herrera. Madrid: Alianza Editorial, ed. 2011, p.263. "Historiadores que dão continuidade a essa estrutura de crônicas são o curdo Ibn Al-Athir (1160-1231), o qual conheceu Saladino e escreveu sua obra-prima, *Al-Kamil fi Tarikh* (*Uma História Completa*) e Baha al-Din Ibn Shaddad (m.1235), que escreveu uma narrativa sobre os feitos de Saladino intitulada *Al-Nawadir al-Sultaniyya wa'l-Mahasin al-Yusufiyya* (*Uma Preciosa e Excelente História sobre Saladino*). Ao lado desses historiadores se apresentam os sírios Ibn Al-Adim (1192-1262), que escreveu uma *História de Alepo* e Ibn Khallikan (1211-1282), este escreveu a seguinte obra: *Wafayat al-a'yan wa-anba abna az-zaman* (*Mortes dos homens eminentes e a História dos filhos de suas épocas*), trabalho composto entre 1256 a 1274". In: SENKO, Elaine Cristina*. O passado e o futuro assemelham-se como duas gotas d'água: uma reflexão sobre a metodologia da história de Ibn Khaldun (1332-1406).* Dissertação de mestrado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: PPGHIS UFPR, 2012, p.99.

12 Tanto em *Sombras da romãzeira* como em a *Mulher de Pedra* temos um sentido de um passado familiar feliz e outro depois de/ou perante eventos trágicos um futuro mais amargo. Nesse sentido lembramos o espírito da frase de Leon Tolstói em *Anna Karerina:* "Todas as famílias felizes são parecidas, toda família infeliz é infeliz a sua maneira". TOLSTÓI, Leon. *Anna Karerina.* UK: Penguin Books, 2001, p.10.

13 Tariq Ali segue – através da sua narrativa estruturada pelas falas dos personagens - a concepção khalduniana de auge e transformação dos impérios para explicar a mudança da política e cultura otomana no século XIX.

narrativa em um momento de passagem, de mudanças estruturais na sociedade que aborda. Trata-se, em suma, de um terreno fértil para ele desenvolver suas reflexões, aqui especialmente voltada aos fatores que levaram tão importante grupo político à sua triste derrocada. Exemplo disso temos no seguinte diálogo da obra, no qual vemos o Barão Alemão dirigindo as seguintes palavras para Iskander Bajá:

> (Barón) - Ese Círculo de la Equidad que vosotros, los otomanos, apreciáis tanto, se basa en unos cimientos muy débiles, Iskander Bajá. Suena muy impresionante, eso sí. Fue creado no para resolver problemas, sino para causar impacto. Y ahora escucha cómo sale de la lengua como la artillería de Mehmet el Conquistador junto a Constantinopla. No hay autoridad soberana sin un ejército. Ni ejército sin riquezas. Ni riquezas sin súbditos leales. Ni súbditos leales sin justicia. Ni justicia sin armonía en la tierra. Ni armonía sin Estado. Ni Estado sin ley. Ni cumplimento de la ley sin autoridad soberana. Ni autoridad soberana sin un sultán o un califa.
> El barón había recitado el círculo con tal autoridad que todos los presentes estallarelon en aplausos.
> (Barón) - Ya te he dicho que suena bien, pero tiene un defecto fatal. Se basa en el devshirme. Cogiteis a niños de todo Imperio y con ellos creasteis una casta de soldados y administradores, tras largos años de entrenamiento y educación. El Estado era su dueño, pero ellos empezaron a creer que eran dueños del Estado, y a veces que ellos mismos eran el Estado. Era un plan ambicioso y muy refinado por parte de vuestros gobernantes, pero como vuestro gran e incomparable historiador Ibn Jaldun advirtió hace muchos siglos, es peligroso esperar que un grupo sin lazos comunes de parentesco, o clase permanezca leal a la autoridad soberana. Una preparacíon común está bien para producir chefs de cocina franceses, pero no para crear un Estado fuerte[14].

Como vemos, a argumentação do Barão Alemão coloca, em sequência, vários elementos como causas estruturais do enfraquecimento otomano, ressaltando que a culpa perante tal estado de coisas pertencia a eles próprios, por conta dos sérios erros cometidos no campo da política. A referência ao historiador Ibn Khaldun, muçulmano nascido em Túnis e que viveu o século XIV, aparece tal como uma provocação: eles próprios haviam ignorado ou se esquecido do pensamento intelectual que surgira de modo tão brilhante no passado muçulmano. Transparece nisso tudo, e indicado pelo autor, o embate entre a tradição e a modernização, agora uma questão iminente e vital a ser tratada já naquele momento em vistas da manutenção de uma soberania política e cultural[15].

No seguimento temos o penúltimo livro da coleção, *Um Sultão em Palermo*, romance protagonizado por um personagem histórico, Muhammad al-Idrisi (1099-1166). A trama se

14 ALI, Tariq. *La mujer de piedra.* Traducción Ana Herrera. Madrid: Alianza Editorial, ed.2005, p. 76-77.

15 Segundo Tariq Ali, um dos fatores que levaram à uma diminuição do ritmo de produção intelectual nos países islâmicos entre os séculos XVI à XIX foi o não favorecimento de uma imprensa. Entrevista de Tariq Ali. *(Programa da TV Cultura - Roda Viva).* 15/08/2006 (01:17:22).

passa entre os anos de 1153-54, na Sicília (ou Siqilliya), no período respectivo ao reinado de Rogério II (1094 a 1154). Conselheiro e amigo deste rei/sultão, al-Idrisi aparece ao início do texto retornando à Sicília, logo após uma viagem de mapeamento das terras no Mar Mediterrâneo. Diante disso, recebe de Rogério um pedido: a escrita de um livro sobre essa aventura. Nesse sentido, a narrativa de Tariq Ali passa então a acompanhar o pensamento e a produção literária de al-Idrisi, que reflete a respeito de várias questões durante seu processo criativo. Dentre estas, a noção de que, em um texto, "A primeira frase é crucial"[16]. Outro ponto interessante diz respeito à constante memória e respeito que al-Idrisi nutre em relação à Al-Homa (Homero), para ele um autor singular, seja por seu conhecimento e precisão de escrita geográfica, seja por sua influência na tradição literária muçulmana[17]. Claro que, através de tais inferências, Tariq Ali pretendia ressaltar o fato de que a tradição literária e filosófica grega esteve presente no caldo cultural formador da tradição islâmica[18].

Ao longo do texto entramos em contato com os vários dilemas enfrentados por al-Idrisi ao longo de sua estadia junto ao sultão Rogério. A obra que escreve, por conta de seu financiamento político, acaba recebendo o nome de *Livro de Rogério*[19], fato este que desagradou muito o autor, pois se tratava de um trabalho fruto exclusivo da sua própria pena. Questões como essa acabam estimulando o desejo de al-Idrisi em retonar para a Casa da Sabedoria, em Bagdá. Desta narrativa maior, que versa sobre as relações de al-Idrisi a respeito do governo de Rogério II, também somos encaminhados para uma visão em micro-escala daquela realidade, na qual transparecem especialmente os dilemas cotidianos e familiares vivenciados por aquele sagaz homem da pena.

---

16 TARIQ ALI. *Um sultão em Palermo.* Trad. de R. Muggiati. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, p. 13.

17 Tariq Ali infere que os contadores das *Mil e Uma Noites* no passado estavam pensando nas aventuras de Odisseu quando criaram seus próprios contos de Simbá, o Marujo. TARIQ ALI. *Um sultão em Palermo***.** Tradução de R. Muggiati. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, p. 20.

18 Mais sobre o chamado movimento da *translatio studiorum*, ver: LEÓN FLORIDO, F. *Translatio studiorum:* Traslado de los libros y diálogo de las civilizaciones en la Edad Media. *Revista General de Información y Documentación.* Madrid: UCM, vol.15, n.2, p.51-77, 2005.

19 No século XIV o historiador Ibn Khaldun estudou os climas relatados por Idrisi. KHALDUN, Ibn. Descrição Pormenorizada do Planisfério Terrestre de Al-Idrissi. *Muqaddimah – Os Prolegômenos (tomo I).* Tradução integral e direta da língua árabe para a portuguesa por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958. "Os autores que fizeram a descrição da parte habitável do mundo, indicando seus limites, as cidades que contêm os centros populosos, pormenorizando montanhas, rios, desertos e areias, tanto os antigos, por exemplo, Ptolomeu, no seu *Tratado sobre Geografia,* como depois dele, os modernos, entre os quais Idrissi, autor do *Livro de Rogério,* dividiram o aludido espaço de terra em sete porções, a que chamaram os Sete Climas". KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os Prolegômenos (tomo I).* Tradução integral e direta da língua árabe para a portuguesa por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958, p.113; SENKO, Elaine. *Reflexões sobre a escrita e o sentido da história na Muqaddimah de Ibn Khaldun.* São Paulo: Ixtlan, 2012, p.16.

Tariq ali desenvolve sua narrativa de modo plástico e linear (mas com ciclos narrativos internos), apresentando novamente em foco as relações entre Ocidente e Oriente, no palco excepcional que foi a Sicília, um ambiente de forte integração e conflito. Subentende-se a dificuldade da ilha siciliana em sobreviver sem a presença dos muçulmanos auxiliando os cristãos. São vários os momentos em que Tariq Ali encontra espaço para discutir as opiniões e relações dos diferentes grupos religiosos, como no trecho que destacamos e citamos abaixo, intitulado *Uma conversa de 26 anos sobre teologia em que Rujari e Idrisi comparam os méritos e deméritos de suas respectivas religiões:*

> (Idrisi): - Não existe pedra que não possa ser removida, Quando os deuses ficam zangados, como os antigos costumavam dizer, eles sacodem a terra e cidades inteiras são destruídas. Seria preciso algo nesta escala para unir os exércitos do Profeta e do papa.
>
> (Rujari riu). (Rujari): Eu não pensava no mundo. Pensava na Siqilliya. Queria dizer que meu povo aprendeu tanto com o seu que me parece natural para nós trabalharmos juntos e compartilharmos a mesma fé[20].

Esse dualismo, de aproximações e distanciamentos, que Tariq Ali expressa nas opiniões de al-Idrisi e Rogério, ou melhor, entre a tradição e religião islâmica e cristã, faz referência ao ritmo constante de embate e diálogo que sempre existiu no relacionamento destas duas culturas, responsável também na modelação histórica de ambas. Novamente, portanto, vemos Tariq Ali estabelecendo vias de compreensão para nosso conhecimento do passado de cristãos e muçulmanos. Porém, ainda que o embate esteja presente, são os momentos de união e compartilhamento de ideias que mais recebem destaque na narrativa, tornando-se referencias aos nossos pensamentos atuais.

Lançado em 2010, *A noite da borboleta dourada* encerra o *Quinteto Islâmico*, 18 anos após o lançamento do primeiro livro da coleção. A jornada encontra seu fim em pleno século XXI, entre as cidades de Lahore (Paquistão) e Londres. A trama desta narrativa se desenrola a partir de uma ligação que o narrador recebe de um personagem chamado Mohamed Aflatum (conhecido como Platão, com 75 anos de idade), o qual lhe cobra uma espécie de dívida: quer ter sua história de vida escrita. Uma vida, aliás, de idas e vindas entre Oriente e Ocidente. Pois bem, Platão é um pintor de difícil acesso, severo... características que, no entanto, fazem com que as mulheres do romance demonstrem-se atraídas por ele, a exemplo da pintora Alice Stepford e da dona de casa de Islamabad, Sra. Latif "Atrevida". Outra personagem feminina, Jindié, a "Borboleta Dourada", aparece no romance como o primeiro amor de nosso narrador. Ao longo da obra verificamos novamente uma ação consciente por parte de Tariq Ali em

[20] TARIQ ALI. *Um sultão em Palermo.* Trad. R. Muggiati. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, p. 186.

demonstrar ao leitor o conhecimento que o Oriente possui em relação à cultura clássica grega[21]. Ao mesmo tempo, também conhecemos a predileção de Stendhal pelo narrador[22]. Foi neste sentido que o narrador afirmou: "Os livros de Stendhal se tornaram o equivalente a uma amante indispensável"[23].

Dentre todos os contos que compõem o *Quinteto Islâmico, A noite da borboleta dourada* é o menos linear, com idas e vindas ao longo de toda a narrativa. Tariq Ali, nesse sentido, aproveita e desenvolve variadas reflexões, como no momento em que busca demonstrar que a ficção é quase uma realidade[24], tornando-se os fatos históricos a base para sua própria construção literária. Da mesma forma fica evidente neste último livro a constante relação crítica passado/presente que moveu Tariq Ali ao longo de sua coleção. Prova disso é o desfecho do texto, quando a perspicaz Zaynab patrocina a abertura das últimas obras do personagem Platão, após a morte deste, para seus amigos. Dentre elas encontra-se uma pintura que, em suas múltiplas representações, criticava a atual política estadunidense, a qual destrói sem limites os países por ela mirados, e que também relembrava o passado islâmico de grande erudição de intelectuais como Ibn Hazm, Ibn Sina e al-Idrisi[25]. Ademais, os amigos de Platão ainda identificaram na tela um código que estava vinculado diretamente a um pensamento de James Joyce em sua obra *Ulysses*, e assim Zaynab lê:

> É Stephen Dedalus. Ele está refletindo sobre a disciplina matemática dos árabes medievais e em particular sobre a álgebra, *al-jabra*, e seus símbolos. Ele os vê como 'encapelados de bizarros quadrados e cubos', mas ouçam só isto: '...diabretes da fantasia dos mouros. Idos também do mundo, Averróis (Ibn Rushd) e Moisés Maimônides (Ibn Maymun), homens sombrios em gesto e ademanes, lampejando em seus espelhos deformantes a obscura alma do mundo, escuridade brilhando em claridade que a claridade não podia abarcar[26].

A intertextualidade é aqui utilizada com muita sutileza e na forma de um fechamento vivaz: exemplos de clássicos do Oriente (Averróis e Maimônides) juntamente com um

21 TARIQ ALI. *A noite da borboleta dourada.* Trad. R. Muggiati. Rio de Janeiro: Edit. Record, 2011, p.65.
22 TARIQ ALI. *A noite da borboleta dourada.* Trad. R. Muggiati. Rio de Janeiro: Edit. Record, 2011, p.79.
23 TARIQ ALI. *A noite da borboleta dourada.* Trad. R. Muggiati. Rio de Janeiro: Edit. Record, 2011, p.200.
24 TARIQ ALI. *A noite da borboleta dourada.* Trad. R. Muggiati. Rio de Janeiro: Edit. Record, 2011, p.195.
25 TARIQ ALI. *A noite da borboleta dourada.* Trad. R.Muggiati. Rio de Janeiro: Edit. Record, 2011, p.321-335.
26 TARIQ ALI. *A noite da borboleta dourada.* Trad. R. Muggiati. Rio de Janeiro: Edit. Record, 2011, p.331. Na íntegra: "Ao longo da página os símbolos moviam-se em grave dança mourisca, numa pantomima de caracteres, encapelados de bizarros quadrados e cubos. Dar-se as mãos, cruzar, saudar a comparsa: assim, diabretes da fantasia dos Mouros. Idos também do mundo, Averróis e Moisés Maimónides, homens sombrios no gesto e ademanes, lampejando, em seus espelhos deformantes a obscura alma do mundo, *escuridade brilhando em claridade que a claridade não podia abarcar*". JOYCE, James. *Ulysses.* Tradução de António Houaiss. Portugal: Difel, 1983, p.31. Nosso grifo.

exemplo do Ocidente (simplesmente, James Joyce[27]), pois: "homens sombrios em gesto e ademanes, lampejando em seus espelhos deformantes a obscura alma do mundo, escuridade brilhando em claridade que a claridade não podia abarcar". Tal afirmação apresenta-se na forma de uma opinião crítica em relação ao comportamento europeu de viés "racional", o qual não conseguiu (e, subentende-se, ainda não consegue em sua maioria) enxergar plenamente e sem preconceitos toda a contribuição e valor da produção intelectual islâmica. Tariq Ali, nesse sentido, deseja que possamos refletir ainda hoje sobre essa questão, a fim de que consigamos nos desvencilhar de visões pejorativas em relação aos muçulmanos, judeus e àqueles pertencentes às demais culturas religiosas. Portanto, para além de sua qualidade como literato, o que vemos é um homem que se volta ao passado para refletir e estimular as pessoas do seu presente, com o intuito de pregar a compreensão cultural e alertá-las sobre várias questões. A principal dessas questões talvez seja o risco à violência desenfreada que o acirramento religioso pode causar entre todos os homens. Ora, Tariq Ali observa seu próprio contexto para contemplar tal questão, tendo em vista a nova onda de flagelos sofrida pelos povos muçulmanos diante da política estadunidense de combate ao terrorismo, motivada e intensificada após os ataques de onze de setembro de 2001. Inocentes, no passado e no presente, civis cristãos ou civis muçulmanos, continuam sendo injustamente mortos por conta de tais políticas da violência, as quais apenas contribuem para o aumento das intolerâncias entre esses diferentes grupos religiosos. Tariq Ali não exime o passado de conflitos ou da violência, de modo algum; no entanto, ele chama a nossa atenção para que não generalizemos a percepção de um "conflito eterno" entre cristãos e muçulmanos, que já ocorreria desde os tempos mais remotos; aliás, percepção errônea que, de modo muito deturpador, justificaria o atual estado de violência presente na geopolítica do Oriente Médio. Por isso todo o trabalho de Tariq Ali em ressaltar as constantes trocas culturais, a dinâmica das relações pacíficas entre cristãos e muçulmanos no universo da sociedade, economia e política. Esse pensamento direciona-se no sentido de um alerta: as diferenças culturais não são justificativas para a violência, o ódio e a dominação. Assim, a literatura volta-se à história para alertar o presente.

[27] Sobre o movimento dos estilos literários na história e nesse caso especifico do pensar contemporâneo, ver: AUERBACH, Eric. *Mimesis:* a representação da realidade na Literatura ocidental. Tradução coletiva para a língua portuguesa. São Paulo: Perspectiva, ed. 2009.